

INTERATIVIDADES ENTRE DOCENTES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA NA REDE SOCIAL FACEBOOK

INTERACTIVITY BETWEEN TEACHERS IN PROCESS OF CONTINUED TRAINING IN THE SOCIAL NETWORK FACEBOOK

Ana Paula Simões Pessoa

Graduação em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco

Maria Cristina Lima Paniago

Graduação em Letras - Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as possibilidades de interatividade entre professores em processo de formação continuada no contexto da rede social *Facebook* por meio das postagens realizadas em um grupo de professores. Será apresentada uma pesquisa quali-quantitativa, integrada ao a um grupo de pesquisa, o qual ofereceu uma formação continuada de professores, indígenas (na Aldeia Bananal, município de Aquidauana/MS) e não indígenas (de uma Universidade Privada), voltada para as discussões sobre as tecnologias no contexto educacional, com foco na interconectividade, linguagem e colaboração. Os resultados construídos ao longo da pesquisa mostram que abordagens distintas das atuais utilizadas nas postagens pelos membros do grupo podem ser desenvolvidas para que haja mais interação mútua e interatividade entre os participantes. Verificou-se também que o caminho para uma maior interatividade pode ser aprimorado com a participação-intervenção dos integrantes do grupo.

Palavras-chave: Interatividade; *Facebook*; Formação continuada de professores.

ABSTRACT

This work aims to analyze the possibilities of interactivity among teachers in the process of continuing education in the context of the social network Facebook through the posts made in a group of teachers. A qualitative-integrated research will be presented, integrated with a research group, which offered a continuous training of teachers, indigenous (in the Bananal Village, municipality of Aquidauana / MS) and non-indigenous (from a Private University), focused on the discussions on technologies in the educational context, focusing on interconnectivity, language and collaboration. The results constructed throughout the research show that different approaches to the present ones used in the postings by the group members can be developed so that there is more mutual interaction and interactivity among the participants. It was also verified that the path to greater interactivity can be improved with the participation-intervention of the group members.

Key-words: Interactivity; Facebook; continuing education of teachers.

INTRODUÇÃO

Diante de realidades sempre novas e cada vez mais complexas, as formações de professores, tanto inicial como continuada, conforme aponta Kenski (2008), tentam explorar, as possibilidades fornecidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), fazendo delas mais que um recurso para o processo de ensino e aprendizagem, mas também meio de formação e aprofundamento de conhecimentos, de reflexão e de desenvolvimento profissional contínuo. Por este motivo, instiga-se problematizar e entender como tal fenômeno ocorre, pesquisando como a formação continuada se dá, se constitui, especialmente quando se desenvolve em ambientes virtuais, como, por exemplo, em rede social.

Este trabalho tem por objetivo analisar as possibilidades de interatividade entre professores em processo de formação continuada no contexto da rede social *Facebook* por meio das postagens realizadas em um grupo de professores presente nessa rede social.

Para atingir tal objetivo, optou-se por uma pesquisa quali-quantitativa, visto que se também verificou a participação dos integrantes do grupo por meio da análise numérica das postagens realizadas. Foram descritos os fluxos comunicacionais com enfoque na participação e intervenção nos processos interativos dos membros do grupo, isto é, se iniciam, continuam, problematizam, constroem ou desconstroem questões postas nos diálogos com a finalidade de propiciar o estabelecimento de novas conexões.

O trabalho organiza-se em quatro partes: revisão de literatura, na qual se pode identificar o estado do conhecimento e a fundamentação teórica; metodologia, cujo modo como a pesquisa foi construída encontra-se detalhado; análise e resultados, com a descrição das conclusões obtidas por meio dos dados produzidos do grupo no *Facebook*; e considerações finais, com o fechamento e considerações a respeito do tema desta pesquisa.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 As novas tecnologias de comunicação (TIC) e formação de professores: possibilidades

Segundo Marcelo Bairral et al. (2007), a formação de professores no contexto das novas tecnologias deve propiciar novidades no processo de aprendizagem, além de ir ao encontro das condições que auxiliam as práticas docentes. Nesta acepção, Pierre Lévy (1999) complementa que o ambiente virtual caracteriza “não apenas a infraestrutura material da comunicação digital,

mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY,1999, p.17).

Deste modo, faz-se necessário que os processos de formação abordem as questões tecnológicas voltadas à educação. Além disso, as formações docentes devem propiciar mudanças, visto que é fundamental para os professores “(re)aprender a conhecer, a comunicar, a ensinar; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social” (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 24).

As tecnologias têm mudado o cotidiano da escola e os processos de ensino aprendizagem. Entretanto, o interesse pelo seu uso na educação não é tão recente quanto pensamos. Valente (1999) afirma que desde o final da década de 1960, as universidades brasileiras passaram a promover eventos para discutir sobre essas temáticas, como, por exemplo, a Primeira Conferência Nacional de Tecnologia em Educação Aplicada ao Ensino Superior (I CONTECE), realizada em 1971 no estado do Rio de Janeiro.

O campo da educação online aos poucos se expandiu, partilhando espaço a novas questões, possibilitando a inserção científica e tecnológica no país. Em 1981 houve o primeiro Seminário Nacional de Informática na educação, seguido pelo segundo em 1982. Para Moraes (1997), tais reuniões foram de suma importância para o processo de implantação da tecnologia na escola, visto que destacavam os benefícios tanto no campo do desenvolvimento da pesquisa, quanto no campo de recursos pedagógicos.

Em 1983, foi elaborado o Projeto Brasileiro de Informática na Educação (EDUCOM), o qual foi o primeiro projeto a abordar questões de informática educacional. De acordo com os autores mencionados acima, essa iniciativa foi relevante para a formação de pesquisadores e às ações que foram desenvolvidas posteriormente pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), como o projeto FORMAR, que fomentou cursos de especialização em informática na educação.

Como se pode perceber, a tecnologia adquiriu um papel significativo no campo educacional. Porém, algumas problemáticas surgiram no decorrer desse processo, como, por exemplo, o posicionamento dos professores frente às novas tecnologias, bem como a formação inicial e continuada desse docente. Segundo Kenski (2003), a formação inicial do professor, na grande maioria, é feita de modo mais tradicional, não sendo vivenciada a realidade das mídias para aprender. Nesse sentido:

Uma das soluções para esse impasse está na possibilidade de educadores também participarem das equipes produtoras dessas novas tecnologias educativas. Para isso é preciso que os cursos de formação de professores se preocupem em lhes garantir essas novas

competências. Que ao lado do saber científico e do saber pedagógico, sejam oferecidas ao professor as condições para ser agente, produtor, operador e crítico dessas novas educações mediadas pelas tecnologias eletrônicas de comunicação e informação (KENSKI, 2003, p. 49-50).

De acordo com Almeida (2000), a problemática abordada anteriormente se dá pelo fato de que os programas de formação são elaborados separadamente do contexto prático realizado nas instituições educacionais, e afirma ainda:

Embora ainda hoje muitos programas de preparação de professores sejam planejados *a priori* da prática pedagógica, não é mais possível se pensar a formação inicial como um conjunto de disciplinas que compõem uma grade curricular de cursos programados por especialistas, para serem oferecidos aos futuros professores – como é o caso da maioria dos cursos regulares de 2o grau, Magistério, graduação ou pós-graduação. Caso idêntico ocorre com os programas de atualização pedagógica e mesmo com os cursos de aperfeiçoamento ou outros oferecidos aos professores em exercício – que dizem ser de formação continuada, mas desconsideram o *locus* de desenvolvimento da prática pedagógica. (ALMEIDA, 2000, p. 45).

Sendo assim, tanto a formação inicial quanto a continuada devem estar baseadas em um processo de formação-ação, com o intuito de romper as barreiras do ensino tradicional, além de deixar clara a importância de compreender o aprender e o ensinar, fazendo com que este profissional reflita sobre a própria prática docente.

A partir dessas colocações, as formações de professores voltadas para o uso das novas tecnologias de comunicação tentam partilhar as possibilidades da incorporação das TIC na educação, fazendo delas mais do que recurso didático para o processo de ensino e aprendizagem, mais sim um meio de formação e aprofundamento de conhecimentos, de reflexão e de desenvolvimento profissional contínuo.

1.2. Interatividade na rede social *Facebook*

Com o uso das tecnologias de informação e comunicação concomitantemente os termos interação e interatividades são utilizados, com a finalidade de promover reflexões. Entretanto, tais vocábulos possuem significados distintos, além de serem discutidos em diferentes perspectivas por vários autores. Desta forma, Silva (2000) aponta a amplitude do conceito de interação, destacando três interpretações para esse termo:

[...] uma genérica (a natureza é feita de interações físico-químicas ou, nenhuma ação humana existe separada da interação), uma mecanicista, linear (sistêmica) e uma marcada por motivações e predisposições (dialética, interacionista) (SILVA, 2000, p.103).

Para a realização desta pesquisa, destacamos a terceira interpretação posta por Silva (2000), a dialética e interacionista, pois ela possibilita a observação das experiências e diálogos colaborativos realizados por meio das TIC.

Outro conceito de interação que vai ao encontro com o que foi exposto anteriormente, é o utilizado por Primo (2000). Esse autor aponta a necessidade das relações interpessoais para a ocorrência da interação. Além disso, ele destaca dois tipos de interação, a mútua, que atua no campo do diálogo recíproco entre os integrantes de um determinado grupo, e a reativa, a qual “se caracteriza por um sistema fechado” (PRIMO, 2000, p.89), isto é, as respostas e relações entre os indivíduos são previamente determinadas pelo sistema.

Para Silva, interatividade está na “disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade - fusão emissão-recepção -, para participação e intervenção” (SILVA, 1998, p.29), ou seja, a interatividade é quando a emissão e a recepção possibilitam a recriação da mensagem. Mensagem essa que não ficará mais restrita ao emissor, visto que esses dois elementos da comunicação se encontram. A “interatividade permite ultrapassar da condição de espectador passivo para a condição de sujeito operativo” (ALMEIDA, 2003, p. 2003).

A partir dessas ponderações, Marco Silva apresenta três princípios para a interatividade: a participação-intervenção, a qual permite a intervenção do receptor, visto que informação não é intangível, mas sim passível de recriação; a bidirecionalidade-hibridação, ou seja, o emissor pode assumir o papel de receptor e vice-versa. Esse princípio consiste na potencialidade de mudança de papéis dos agentes da comunicação, fato que permite a coautoria; e a permutabilidade-potencialidade, isto é, a comunicação presume várias redes associadas de conexões e iniciativas de trocas, agregando novos significados (SILVA, 2008).

Nesse sentido, com base nos estudos de Silva (2000), pode-se dizer que a interatividade permite ao expectador romper com a passividade e migrar para uma condição de sujeito ativo. Desta maneira, é preciso garantir a intervenção do usuário no conteúdo da mensagem, proporcionando modificações, indicando a concretização da interatividade por meio da disposição interativa que permite ao usuário atuar e ser autor, cocriador do conteúdo da comunicação interativa.

2 METODOLOGIA

A fim de compreender a proposta deste trabalho, apresenta-se a seguir o tipo de pesquisa e o detalhamento do procedimento de coleta e análise dos dados utilizados pelas pesquisadoras.

2.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa é quali-quantitativa. Ela é qualitativa devido à preocupação com os significados e motivações, um espaço profundo das relações. As pesquisas qualitativas “[...] podem descrever a complexidade de determinados problemas, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]”. (RICHARDSON, 1989 p.39).

Ademais, ela é quantitativa, pois visa à apresentação e manuseio numérico de observações com a finalidade de descrevê-las e explicá-las. Nesse sentido, Gil (2002) afirma que na aplicação dos métodos quantitativos utilizam-se frequentemente as estimativas numéricas e as inferências estatísticas obtidas a partir de uma amostra representativa de uma população real. O uso complementar de ambas as abordagens torna a pesquisa mais útil para o estudo do fenômeno discutido neste trabalho, pois:

Para sistematizar e solidificar as abordagens, nós utilizamos por vezes um raciocínio indutivo e outras vezes um método dedutivo, passando constantemente de uma abordagem à outra, elaborando hipóteses e estabelecendo comparações. (STRAUSS; CORBIN, 1992, p. 127 apud GIL, 2002, p.84).

Por fim, é importante ressaltar que esta pesquisa se integra a um grupo de estudos e pesquisas, o qual ofereceu uma formação continuada de professores, indígenas (da Aldeia Bananal, município de Aquidauana/MS) e não indígenas (de uma Universidade Privada), voltada às discussões sobre as tecnologias no contexto educacional, com foco na interconectividade, linguagem e colaboração.

2.3 Procedimentos de Análise

Para a realização da análise fez-se necessário uma coleta de dados no grupo de professores presente no *Facebook*. Para isso, coletaram-se dados das postagens feitas pelos membros do grupo no decorrer do período de oito meses, iniciando-se em 1º de dezembro de 2015 até 31 de julho de 2016. Como instrumentos de análise, levou-se em consideração a data das postagens, bem como o autor, tipo de postagem, além do número de curtidas, comentários e visualizações que cada publicação recebeu. Vale-se salientar que a coleta dos dados feita no período referido pode variar a posteriori, visto que os números de curtidas, comentários e

visualizações podem se alterar ao longo do tempo, pois os participantes têm livre acesso a todas as postagens feitas.

As postagens foram analisadas a partir de seu conteúdo, sendo organizadas em postagem do tipo texto, imagem e vídeo, com o intuito de verificar qual o tipo de publicação possui mais interatividade conforme o conceito de Primo (2000) sobre interação e de Silva (2000), ou seja, qual o tipo de postagem possibilita a interatividade mútua, isto é, bidirecionalidade, participação e intervenção. As postagens do tipo texto possuíam apenas texto em seu conteúdo, as postagens do tipo imagem possuíam um pequeno texto e imagem, finalmente, as postagens do tipo vídeo possuíam um pequeno texto e vídeo.

Para a coleta dos dados, primeiramente, contabilizou-se o total de postagens do tipo texto, depois imagem e por fim vídeo. Em seguida, determinou-se o total de curtidas, comentários e visualizações para cada um dos tipos de postagem.

Após a coleta dos dados seguiu-se para análise deles. Foi feita uma análise da distribuição dos tipos de postagem, isto é, verificou-se a proporcionalidade entre a quantidade dos tipos de postagens, com o intuito de verificar qual tipo de postagem é mais feita e, comparando com os demais resultados, verificar se a estratégia de publicações é a mais efetiva para proporcionar a interatividade mútua.

Para fazer a comparação entre o número de curtidas, comentários e visualizações, calculou-se o valor médio desses em relação ao número de cada tipo de postagem (I_m) por meio da Equação 1, na qual N_I é o número de curtidas, comentários ou visualizações para o tipo de postagem analisada, e N_P é o número de postagens do tipo analisada. Assim é possível comparar os valores obtidos mesmo para um número de publicações diferentes, determinando qual tipo de postagem é mais importante para alcançar a interatividade entre os membros do grupo.

$$I_m = \frac{N_I}{N_P} \quad (1)$$

Por fim, por meio das postagens feitas, foi possível analisar qual o conteúdo de cada postagem é mais relevante para os membros, deixando-os mais a vontade para participarem dos diálogos e discussões. Outro ponto analisado foi em relação a participação do(a) autor(a) de cada postagem, permitindo descrever os fluxos comunicacionais, investigando a participação dos integrantes nos processos interativos, isto é, se iniciam, continuam, problematizam e estabelecem novas conexões.

3 RESULTADOS E ANÁLISES

Nesta seção apresentam-se os resultados e a análise quantitativa dos dados obtidos nesta

pesquisa, além das conclusões inferidas por eles. Porém, antes de apresentá-los, é fundamental descrever o raciocínio utilizado para construí-los. Inicialmente, foi contabilizado o total de postagens com apenas textos, imagens e vídeos ao longo dos meses estudados, conforme os resultados mostrados na Figura 1a.

Além disso, contabilizou-se o total de curtidas (Figura 1b), comentários (Figura 1c) e visualizações (Figura 1d). Desta maneira, foi possível compreender a atividade dos membros do grupo. Notou-se que há uma oscilação tanto do número de postagens quanto do número de curtidas, comentários e visualizações. Ademais, foi possível relacionar diretamente a quantidade de postagens com o número de curtidas recebidas, isto é, o número de postagens é diretamente proporcional ao número de curtidas. Entretanto, não é possível afirmar o mesmo para a quantidade de comentários recebidos, desta maneira, pode-se concluir que os comentários estão diretamente relacionados com o conteúdo das postagens do que apenas da quantidade das mesmas.

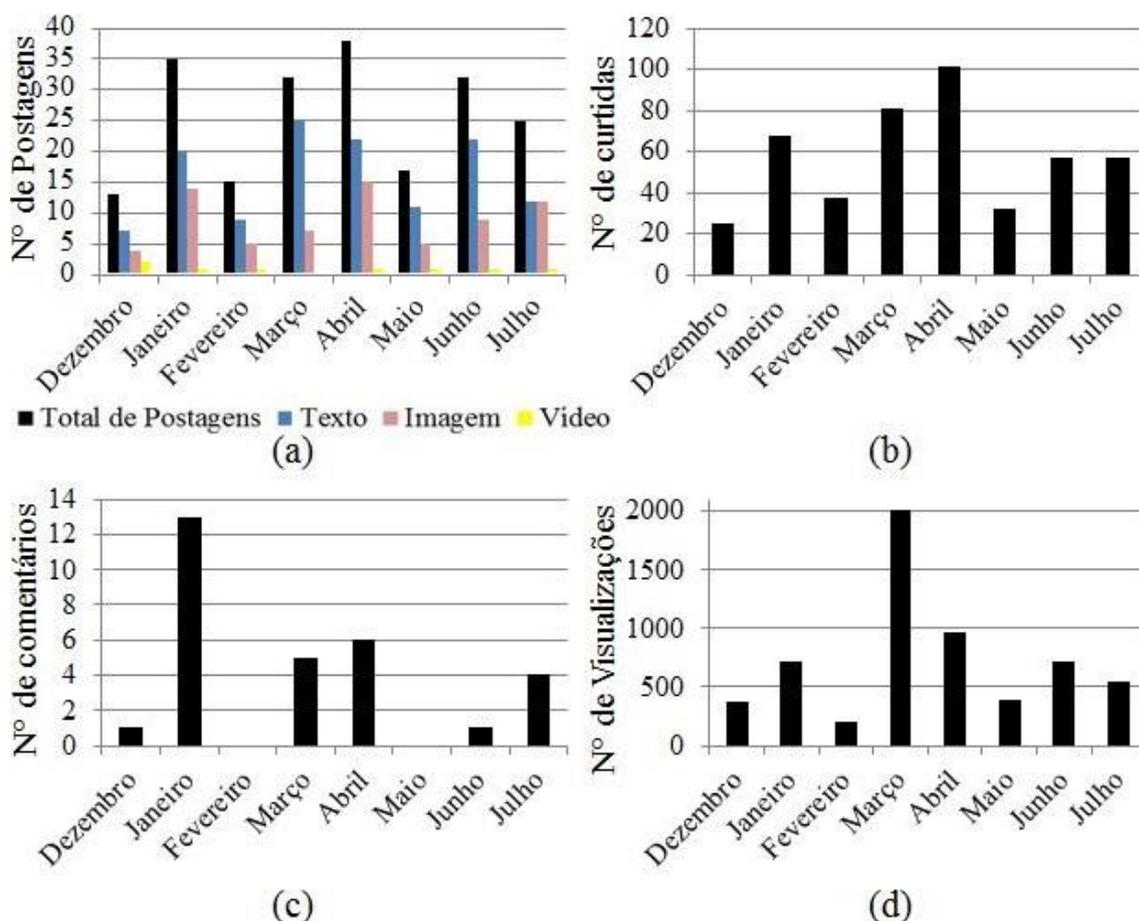


Figura 1 – Dados das postagens entre os meses de dezembro de 2015 a julho de 2016. (a) Distribuição mensal das postagens. (b) Distribuição mensal de curtidas. (c) Distribuição mensal dos comentários. (d) Distribuição mensal das visualizações.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em seguida, determinou-se o total de curtidas, comentários e visualizações para cada um dos tipos de postagem, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Dados obtidos durante o período estudado.

	Texto	Imagem	Vídeo	Total
Nº de postagem	128	71	08	207
Nº de curtidas	239	205	14	458
Nº de comentários	05	25	00	30
Nº de visualizações	3.955	1.809	160	5924

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base na Tabela 1, determinou-se a distribuição dos tipos de postagens feitas ao longo dos 08 meses estudados. Na Figura 2 é apresentada a distribuição total dos tipos de postagens feitas no grupo estudado.

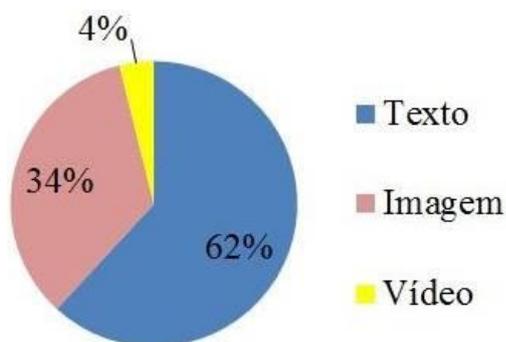


Figura 2 – Distribuição dos tipos de postagens durante os 08 meses estudados.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em seguida, a partir dos dados da primeira tabela, foi possível determinar a média de distribuição de curtidas, comentários e visualização por postagem para cada tipo de conteúdo, isto é, postagens com texto, imagem e vídeo, conforme mostrado na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição média de curtidas, comentários e visualizações por postagem.

	Texto	Imagem	Vídeo
Média de curtidas por postagens	1,8672	2,8873	1,75
Média de comentários por postagens	0,039	0,3521	00
Média de visualizações por postagens	30,90	25,48	11,43

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base na Tabela 2, nota-se que as postagens que em média mais recebem curtidas e comentários são as que têm imagem em seu conteúdo. Sendo assim, as imagens possibilitam uma interação mútua maior do que os textos. Tal fato justifica-se devido à recepção distinta que cada indivíduo tem em relação à imagem. Nesse sentido, Peter Loizos afirma:

O “aprender” não é somente necessário para um reconhecimento básico, ele está também envolvido diferencialmente na percepção de detalhes significativos: um primeiro observador, olhando uma fotografia, vê um “carro”; um segundo vê uma “sala familiar de tamanho médio para pessoas idosas”; um terceiro vê um “Ford Cortina” do ano de 1981, com direção de corrida e de rodas de esporte”. O veículo é o mesmo objeto do mundo real para todos os observadores, mas suas percepções, sua habilidade para especificá-lo e descrevê-lo, e o sentido que eles dão a ele são diferentes, devido a suas biografias individuais. (LOIZOS, 2014, p.141).

Outra consideração importante a fazer é em relação à média de visualizações. As postagens com apenas texto tem um número superior de visualizações comparado com as de apenas imagens. Entretanto, baseado no conceito de interatividade estudado neste trabalho, percebe-se que o ato de visualizar não estabelece o diálogo bidirecional, mas sim um caminho para ele.

Como mostrado na Figura 2, percebeu-se que, no período estudado, as postagens do tipo vídeo tiveram uma ocorrência muito menor que as demais, esse espaço amostral reduzido inviabilizou a comparação com os outros tipos de postagens. Sendo assim, as demais análises apresentadas levam em conta apenas as postagens do tipo texto e imagem.

A partir da Tabela 2 foi possível estimar a quantidade de postagens de cada tipo para obter um comentário, instrumento que permite a interação mútua. Os valores indicam que são necessários aproximadamente, 26 postagens do tipo texto para a obtenção de um comentário, enquanto que para a cada 03 postagens do tipo imagem 1 comentário é feito. Sendo assim, as postagens que possuem imagens proporcionam a interatividade mútua entre os usuários.

Os resultados construídos mostraram que as postagens feitas no ambiente ainda estão aquém e buscam se aproximar dos conceitos de interação mútua (PRIMO, 2000) e interatividade (SILVA, 2000), de tal fato que se pode aumentar a interatividade aumentando a parcela de postagens do tipo imagem, já que essa mostrou necessitar de menos postagens para que houvesse a intervenção e participação entre os membros do grupo.

Vale-se salientar que, com base nos resultados expostos acima não é possível inferir que não há interação e interatividade neste grupo de professores, visto que apenas visualizar as postagens é um caminho para a interatividade. Neste sentido, para Lévy (1999) o termo interatividade:

[...] ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação. De fato, seria mostrar que o receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo. Mesmo sentado na frente de uma televisão sem controle remoto, o destinatário decodifica,

interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras, e sempre de forma diferente de seu vizinho (LÉVY, 1999, p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou analisar as possíveis interatividades entre professores em processo de formação continuada no contexto da rede social *Facebook* por meio das postagens realizadas no grupo de professores “Formação Continuada Tecnológica: Linguagens, Saberes e Interculturalidade”. Para atender a esse objetivo, utilizou-se como auxílio os referenciais teóricos escolhidos e a partir deles construiu-se uma análise quali-quantitativa dos dados colhidos no grupo em questão.

De acordo com os resultados inicia-se a ideia de que para a realização da interatividade no contexto da rede social *Facebook* é necessário usar mais imagens como conteúdo de postagens. Tal conclusão vem do fato de que a interação mútua e a interatividade plena podem ocorrer por meio dos comentários nas postagens, visto que as publicações cujo conteúdo era imagem incentivou uma participação-intervenção maior do que aquelas que apresentavam textos em seu conteúdo. Vale lembrar que as postagens com vídeo em seu conteúdo não foram tomadas em conta devido ao pequeno número destas postagens em relação às com imagem e texto.

Além disso, tal análise possibilitou o surgimento de novos questionamentos sobre a interatividade, por exemplo, como ela se dá sem a participação direta dos membros do grupo?; como se dá a relação dos participantes? Isso permite às pessoas que desejam trabalhar com essa temática construir novas possibilidades e questionamentos.

Por fim, as propostas de formação continuada de professores devem ser voltadas para problematizar, refletir e partilhar conhecimentos. Uma formação para todos os cidadãos, crítica e comprometida com a emancipação humana. E, vale problematizar quando isto acontece no meio de uma sociedade intitulada “digital”, em que comunicações, discussões, diálogos e trocas ocorrem por meio das tecnologias de informação e comunicação, como por exemplo, por meio de redes sociais. Sendo assim, é fundamental compreender como essas trocas se dão nesses ambientes para que seja possível buscar estratégias que fomentem sua realização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria E. B. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: Silva, Marco (Org.) **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Informática e formação de professores**. Brasília: MEC/SEED, vol. 1, 2000.

BAIRRAL, Marcelo Almeida; POWELL, Arthur B; SANTOS, G. T. . Análise de Interações de Estudantes do Ensino Médio em Chat. *Educação e Cultura Contemporânea*, v. 4, p. 111-138, 2007.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BRITO, G. S.; PURIFICAÇÃO, I. Educação e novas tecnologias um re-pensar. 2. ed. Curitiba: Ibpx, 2008.

BUENO, Denise Cristina; ECHALAR, Jhonny David. Políticas públicas brasileiras para uso de tecnologias na educação em Goiás: um resgate de memórias. In: Adda Daniela L. F. Echalar; Joana Peixoto; Rose Mary A. de Carvalho. **Ecossistemas e repercussões dos processos formativos nas práticas docentes mediadas pelas tecnologias: a visão de professores da rede pública da educação básica do estado de Goiás sobre os usos das tecnologias na educação**. Goiânia: Kelps, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José Angel (orgs.). **Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

_____. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 4º ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

PRIMO, A. **Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo**. Revista da FAMECOS, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

SANTOS, Rosimeire Martins Régis dos. **Formação continuada de professores indígenas e não indígenas: implicações e possibilidades interculturais em contexto presencial e em redes sociais**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2015.

SILVA, Marco. Cibercultura e educação: **a comunicação na sala de aula presencial e online**. Porto Alegre: Revista FAMECOS, 2008. Nº 37. Disponível em <file:///C:/Users/Ana/Downloads/4802-15354-1-PB.pdf> Acesso em: 16 de julho de 2016.

_____. Marco (orgs.). **Formação de professores para docência online**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Que é interatividade**. Rio de Janeiro: Editora Senac, 1998.

_____. **Sala de Aula Interativa**. Rio de Janeiro, Quartet, 2000.